

O CORPO NO CONTEXTO NEOLIBERAL: A MOEDA CORPO

Fábia Zoboli
Renato Izidoro da Silva
Camila da Cunha Nunes

RESUMO

O trabalho é resultado de uma investigação bibliográfica e tem como objetivo discutir o corpo como produto da cultura dentro do contexto neoliberal e o desvelar das relações de poder que subordinam o corpo nas configurações sociais atribuídas a ele pelo capitalismo. Disserta-se algumas considerações a partir de padrões exigidos do corpo dentro de uma cultura que cada vez mais o reduz a um produto a ser consumido – mercadoria. O corpo fica exposto ao olhar do outro e este olhar serve como mediador do cuidado de si frente aos padrões socialmente impostos pela sociedade capitalista.
Palavras-chave: Corpo. Capitalismo. Cultura.

ABSTRACT

The work is a result of a literature research and aims to discuss the body as a product of culture within the neoliberal context and reveal the power relations that condition the body in social settings assigned to it by capitalism. Lectures are some considerations from the body within standards required of a culture that increasingly reduces to a product to be consumed - merchandise. The body is exposed to the gaze of another look and this serves as a mediator of self-care compared to the social patterns imposed by capitalist society.
Keywords: Body. Capitalism. Culture.

RESUMEN

El trabajo es resultado de una investigación bibliográfica y tiene como objetivos discutir el cuerpo como producto de la cultura en el contexto neoliberal y mostrar las relaciones de poder que lo subordinan a los modelos sociales capitalistas . En el trabajo son discutidos los paradigmas de cuerpo exigidos en una cultura que cada vez mas lo ve como un producto de consumo – mercancía. El cuerpo es sometido a la mirada del otro y esta mirada condiciona el cuidado del mismo frente a los paradigmas colocados por la sociedad capitalista.
Palabras-clave: Cuerpo. Capitalismo. Cultura.

O CORPO COMO FATOR DE LINGUAGEM E CULTURA

O existir humano se dá através do corpo. Pelo corpo o humano estabelece suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. O sentir, o pensar e o agir, caracterizam a existência e a vida humana, essa tríade, no entanto, não se dá de modo fragmentado e linear, mas sim, através de uma rede complexa de interações que se dão na dimensão corporal humana. Pelo corpo eu percebo, pelo corpo eu analiso e pelo corpo eu (com) existo no mundo.

O presente texto trata o corpo a partir de uma perspectiva, onde o mesmo é visto como produto de interações complexas em um determinado espaço/tempo. Considera-se o corpo como fruto de um processo em constante auto (re)organização – na medida em que é considerado como agente em permanente mudança e (re)construção. Como ser no mundo o corpo pressupõe algo inacabado que se completa nas relações consigo mesmo e com seu entorno, para tanto, busca este escrito compreender o corpo em todas as suas dimensões, ou seja, na riqueza de sua totalidade e complexidade.

Neste sentido Sérgio (1996, p. 64-65) contribui ao mencionar que:

As grandes dimensões da pessoa humana parecem basear-se: na corporeidade (o homem é presença e espaço na história, como corpo, no corpo, desde o corpo e através do corpo); na motricidade (que é virtualidade para o movimento intencional, que persegue a transcendência); na comunicação e cooperação (o sentido do outro nasce de sua indispensabilidade ao meu estar-no-mundo); na historicidade (a historicidade do homem consiste no fato de ele não poder conhecer-se, com uma análise exclusiva do presente, pois ele vem de um passado-recordação, que o motiva, para um futuro-esperança, onde se projeta); na liberdade (passar do reino da necessidade ao reino da liberdade é a expressão omnilateral de um sujeito histórico, simultaneamente reflexo e projeto); na noosfera (ou reino do espírito e da cultura, onde a especialização dos vários saberes readquirem o sentido da totalidade humana); na transcendência (ser humanamente é agir para ser mais).

Além disso, o corpo implica em um homem que tem história, que tem uma estrutura biológica, psíquica, um homem que exerce e sofre poder político, um homem econômico e possuidor de classe, enfim, um homem com que se movimenta em meio a essa complexidade de multiplicidades que o torna um ser único e com necessidade de movimento.

As relações do humano – via corpo – consigo mesmo, com o outro e com o mundo, passaram por enormes transformações no seu transcorrer histórico. Todos esses processos criaram modos diferentes de compreendê-lo. Braunstein e Pépin (1999) mencionam que a visão que temos de nosso corpo, a maneira de nos servirmos dele e de o sentirmos, será conseqüência desse patrimônio recebido do fundo dos tempos. Neste sentido, o corpo de cada homem detém uma parte da memória universal. A história do corpo no seio de uma cultura torna-se inseparável da história da totalidade dessa cultura. Assim, compreender o que ele representou obriga a decodificar o processo cultural no qual ele evoluiu.

O corpo é fruto desta história-memória coletiva e individual. Sendo assim, para ser melhor compreendido o corpo nos obriga a persegui-lo pelos rastros e movimentos – não regulares – deixados por ele no curso dos tempos.

O homem – enquanto ser que pensa, sente e age – se relaciona com o meio externo, ao mesmo tempo em que esta exterioridade internaliza-se pautada num movimento dialético. A apropriação do externo se confunde com a intencionalidade subjetiva que o ser deposita no ato de externar. Assim a tríade: sentir, pensar e agir, só pode ser compreendida como uma rede em constante movimento e inter-relação.

A linguagem, neste contexto, é aprendida como interação sujeito/mundo, possuindo uma realidade objetiva, mas que só faz sentido na presença da subjetividade. Porém, não há objetividade sem subjetividade, nem subjetividade sem objetividade, muito menos ambas sem o corpo em interação com o mundo e com o outro. Para Morato e Coudry (2000) a linguagem é a mediação dos processos cognitivos com o mundo social, é pela linguagem que o mundo faz sentido para nós; sem ela o que entendemos por “realidade” deixa praticamente de existir.

A linguagem ao mesmo tempo em que é expressão da mente é também o meio de o homem existir no mundo enquanto ser corpóreo. Neste sentido Gonçalves (1997) menciona que a expressão do homem pela linguagem revela a profunda unidade corpo/mente. Contendo em si a possibilidade de abstração do espírito humano, que formula conceitos universais, é também corporeidade, pois sua realização se dá com intensa participação do corpo, existindo todo um conjunto de funções corporais que a tornam possível. O que faz a autora afirmar a linguagem como expressão da totalidade do homem radicaliza-se no fato de que a linguagem é articulação do sentido e o sentido diz respeito ao homem como uma totalidade.

O corpo é assim um conjunto de significados externalizados, reflexo do próprio sentido que o habita. O corpo enquanto pré-condição para a existência é expressão compartilhada subjetivamente dentro de uma determinada cultura renovando-se a cada momento, criando novos mundos e novos significados.

CORPO, CAPITALISMO E NEOLIBERALISMO

O corpo humano é ativo e transformador em relação aos processos que o produzem, sustentam e dissolvem. Logo, pessoas corporificadas dotadas de capacidades semióticas e vontade moral tornam seu próprio corpo um elemento funcional naquilo que há muito chamamos de “o corpo político” (HARVEY, 2004).

Na atual conjuntura social percebe-se que os valores do capitalismo – na sua roupagem neoliberal – são a “linha mestra” das ações humanas. O capitalismo tem na sua base a competição que gera seleção e exclusão – darwinismo social – e no lucro a qualquer preço que vem justificar a exploração da mão de obra e as trapanças.

O consumismo e a competição desenfreada geram o individualismo e cada vez mais percebe-se o afrouxamento dos laços de solidariedade social. Para o capitalismo a exploração, logo a desigualdade, é necessária para a manutenção da sua lógica.

Com o avanço da modernização tecnológica, com as mudanças dramáticas nas leis do mercado de trabalho cresce o aumento do desemprego, aumenta o fosso de diferença social e com isso cresce também a violência.

O capitalismo se encontra hoje configurado no neoliberalismo. A descentralização configura não só o setor privado, mas também o Estado que com sua política de privatização aos poucos vai se tornando cada vez mais “mínimo”.

O capital molda os corpos de acordo com seus próprios requisitos, ao mesmo tempo que, os corpos internalizam em seu modo de agir desejos corporais, vontades, necessidades e relações sociais estabelecidas pelo meio social em que estão inseridos (por vezes expressos abertamente como lutas coletivas fundadas na classe, comunidade ou identidade) da parte do trabalhador (HARVEY, 2004).

O Corpo na atual conjuntura neoliberal cada vez mais vem sendo atravessado por discursos que supervalorizam seu caráter material reduzindo o mesmo a sua

condição de objeto. Há um sem fim de ciências que vêm no corpo uma opção de mercado rentável, desta forma surgem a partir do corpo toda uma gama de produtos a serem consumidos pelos sujeitos que subjetivados por valores binários tais como: feio X belo, jovem X velho, corpo X mente. Os indivíduos ficam expostos a vitrines que prometem um corpo livre de gorduras e rugas, um corpo viril e forte, uma mente cada vez mais capaz de ficar atenta e espantar a tristeza que deprime.

Este corpo permeia em meio à lógica capitalista estabelecido pela ciência e a sociedade como um produto. Na menção de Peres (2009) à imagem da corporeidade de nossa cultura racionalizada, cientifizada e industrializada, reduz o corpo a um objeto de uso em conformidade com os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos ou classes sociais, fazendo com que o corpo se tornasse uma ferramenta de produção, que traria lucro e crescimento econômico ao meio no qual está inserido não garantindo a cultura do corpo.

Le Breton (2006) corrobora, a sociedade instituída pelo constante processo de globalização e consumo, impulsionado pelos meios de comunicação, estabelece diferentes significados ao corpo, em vista que o corpo hoje se impõe como lugar de predileção do discurso social, esquecendo da sua representação para o indivíduo, designando seu “significante de *status* social”. Esse corpo é visto como homogêneo, estereotipado e alienado de acordo com os modelos impostos como referência pela ciência, o reduzindo a dimensão biológica.

A mercantilização dos indivíduos, como produto da ampliação da utilização de categorias econômicas na análise social, coloca o corpo como uma mercadoria que possui os atributos e possibilidades de quaisquer dos bens produzidos na sociedade. O mercado, na sociedade neoliberal, é o motor da organização social, sendo assim, a sociedade se estrutura com base no dinheiro.

O conhecimento utilizado para manipular e dominar o corpo nos dias atuais tem suas raízes no advento das ciências biomédicas que se organizaram a partir dos séculos XVII e XVIII e que continuam se expandindo, numa velocidade desenfreada, até os dias atuais. Isso ajuda a lógica do capital, pois como nos menciona Silva (2001) quanto mais partes do corpo tornam-se materiais de exploração e de investigação, menos o corpo é preservado dos interesses e ações comerciais.

Percebe-se assim que o corpo, ao longo dos anos, vem sendo vivido, percebido e interpretado pelas mais diversas técnicas e formas de controle, incorporando-se dentro dos mais variados meios de produção e consumo. São estas técnicas e formas de controle que Foucault (2001) chamou de tecnologias políticas do corpo.

A ideologia na sociedade neoliberal é fundamentada no êxito individual, que explica a atual crise existencial do homem; na competitividade, que favorece os procedimentos que viabilizam as trapaças e desfavorecem a partilha e a solidariedade; na busca do lucro a qualquer preço, que reduz o homem a uma visão simplista: basta adquirir e consumir para viver o aqui e o agora, tornando-o egoísta e insensível. “O neoliberalismo tenta suprimir a pergunta sobre o sentido da existência, para ele, basta desfrutá-la.” (BETTO 2000, p.33).

É fundamentado nesta lógica que o corpo é embalado em nossas relações sociais. O Estado, através dos meios de comunicação de massa e instituições, utiliza o corpo como instrumento privilegiado no controle e regularização das condutas, direcionando-os para a lógica do mercado – estabelecendo, assim, sobre eles, relações de poder.

O corpo na sociedade atual está em evidência, basta observar uma banca de revistas, um programa de televisão ou uma peça publicitária. Ali, segundo Betto (2000) a mulher é reduzida a seus contornos anatômicos, tão desnuda de roupas quanto de

princípios, idéias e valores. Mero objeto descartável, cujo realce promove uma deseducação do olhar, de tal modo que passa a ser vista como um atraente naco de carne no açougue virtual.

Percebe-se assim, que no âmbito mercadológico, na tentativa de mercantilizar o afeto a sociedade capitalista apela para a venda da libido. Esta liberação do corpo vem contrapondo valores judaico-cristãos milenares que ligavam o corpo ao pecado e a fraqueza do homem. Esta doutrina foi – e ainda é, só que em menor escala – um modo de assujeitamento e controle de indivíduos. Neste sentido, Santos (1990, p.54) lança a seguinte reflexão: “é de se perguntar se, de fato, a teoria da liberação dos corpos – muito presente nos dias atuais - sustenta-se ou, pelo contrário, trata-se de uma nova forma de submeter e alienar os indivíduos na sociedade atual?”.

O modelo corporal produzido e difundido pela mídia é um modo de alienação que arrasta um grande número de sujeitos à busca do corpo belo, socialmente determinado. Segundo Freitas (1999) é dessa maneira que o corpo é controlado, pois, debatendo-se na busca de uma solução para o conflito – entre o que se é e o que se deve ser e querer – torna-se incapaz de superá-lo, ou seja, de perceber as implicações ideológicas que se armam como pano de fundo. É também por esta via que se suscita a vergonha do próprio corpo naqueles que não se enquadram nas definições desses modelos.

A imagem corporal é construída através das representações estabelecidas no dia-dia, permeada por modelos de corpos estabelecidos como se fossem dogmas, despreocupados com a diversidade cultural e preocupados com medidas, músculos e rendimento, permeados, como uma dicotomia, Harvey (2004) sinaliza como uma cisão corpo social e corpo político.

É na perseguição deste padrão de corpo estético pela sociedade, que se proliferam as academias de ginástica; as cirurgias de reparação plástica; os programas de dietas; as indústrias de remédios, vitaminas e esteróides anabolizantes; as fábricas de cosméticos e tantos outros.

São verdadeiros padrões estéticos, que caracterizam um corpo em exibição no mercado da imagem, oriundos do poder da tecnologia em intervir na estrutura corporal, cada vez mais vemos um corpo construído e reduzido à imagem, sem vestígios das imperfeições da vida que ressaltam formas e curvas corporais.

Para Coelho e Severino (2007) o corpo, superfície privilegiada de inscrição da história, não consegue disfarçar as marcas deixadas pelos diferentes usos e desusos que recebeu no longo do percurso, no qual hoje expõem fotogenicamente suas silhuetas às milhares de lentes invisíveis que expõem o corpo a uma sabatina incessante de controle, vigilância e cobrança.

Hoje vivemos uma sociedade na qual considera a aparência física como um dos seus aspectos mais relevantes no mundo da exibição. Deste modo, o corpo não pertence à pessoa, mas às regras e orientações, artifícios e disfarces do mundo social, de modo que procuram ajustar seus corpos (aparência física e conduta) aos cânones da moral oficial numa clara tentativa de se auto-valorizar a partir das regras sociais impostas pelo meio (TRASFERETTI, 2008).

No âmbito esportivo cada vez mais está se exigindo do corpo performances excepcionais. O ideal olímpico é buscado com cargas estressantes de intensivo treinamento, milhares de horas de disciplina e dedicação, repetições inúmeras do mesmo gesto a fim de torná-lo perfeito. O corpo, assim, se prepara para lutar contra o tempo e o espaço.

Para incentivar a prática do esporte, monta-se uma política onde atletas famosos nascidos de classe média/baixa fazem propaganda de incentivo a vida desportiva como trampolim para a superação das dificuldades sociais. Se enaltece o atleta como herói, por ter nascido em local pobre e conseguido vencer na vida através do esporte. Esse é um ópio que se cria na massa, pois o número de pessoas que chegam até a glória desportiva é realmente muito reduzido comparado aos que a buscam.

Outra função destinada ao esporte é a de canalizar a atenção e as tensões dos indivíduos desviando-os das preocupações para com os problemas sociais – fato este que ocorre massivamente em época de copa do mundo. No esporte, processa-se ainda a inculcação da igualdade de chances que em nome da justiça, fomenta o esforço entre iguais.

O corpo frente às relações de trabalho no mercado capitalista caracterizado pelo econômico, consumidor e predador, passa a assumir papel de instrumento para aumentar a produção, sendo explorado e domesticado para tal. A sociedade capitalista reproduz na sociedade, as relações de trabalho garantido sua força produtiva pela exploração da classe operária. Neste sentido, ela marca também o corpo do trabalhador com seus signos e dominações.

O trabalho na atual conjuntura capitalista é caracterizado por homens que vendem a força de trabalho aos donos dos meios de produção. Tomar o trabalho e pagar por ele pressupõem um homem livre e consciente de suas ações. De um lado o homem está livre para vender sua força de trabalho e de outro ele está subordinado ao comércio de produtos necessários à sua sobrevivência. Assim sendo, segundo Codo e Senne (1993) o homem do capitalismo passou a ter duas vidas, se apresenta como um cidadão livre e ao mesmo tempo tem seu trabalho expropriado. Livre por uma parte, escravo por outra.

O humano faz uso do trabalho para satisfazer as necessidades humanas e sociais, fruto da práxis humana, ou seja, “o homem é um ser social e histórico, o que leva esse homem a transformar a natureza, e, neste processo, a si mesmo, é a satisfação de suas necessidades” (ANDERY et al., 2000, p. 407).

Esse corpo que trabalha sofre diretamente transformação da própria natureza, por ser inacabado e estar em constante transformação. Esse projeto de corpo inacabado é impelido num conjunto particular de direções contraditórias, para se explorar essas possibilidades foi se estabelecendo uma gama de ciências para planejar e explorar os limites do corpo humano como máquina produtiva, como organismo fluido (HARVEY, 2004).

Taffarel e Escobar (2009) salientam a corporalidade do ser humano construída nas relações com o meio ambiente e os demais seres, foi determinando suas possibilidades de organização espaço-temporal, social, cultural e política. Cada ser humano que nasce traz em si a necessidade própria de toda a humanidade e, cada um produz e reproduz em si todas as necessidades da humanidade. Somos o que somos porque nos relacionamos com a natureza, com os nossos semelhantes e desenvolvemos forças produtivas. Mas esse percurso histórico significou modos de organização da existência e, dos primitivos modos comunais, vivemos hoje no modo de o capital organizar a vida, contraditoriamente, também, de transformar o que constituiu o trabalho, em atividades lúdicas e prazerosas, como as danças, os jogos, a ginástica, os esportes.

A partir disto foi se estabelecendo modelos de corpo, corpo para o trabalho, rendimento, esporte, beleza, pesquisas, vários modelos derivados das exigências

culturais, políticas, econômicas e sociais na satisfação dos seres humanos e suas vontades.

A revolução tecnológica criou uma nova configuração nos processos de trabalho. Na produção em série os homens foram substituídos por máquinas, gerando assim um alto índice de desemprego no país. Essa nova configuração também contribuiu para aumentar a concentração de renda na mão de poucos privilegiados em detrimento de uma maioria que fica a margem do processo. A competição por um emprego aumentou ferozmente e contribuiu para o corpo do brasileiro se submeter a uma série de alienações, privando, inclusive, muitos deles, das condições mínimas de subsistência.

Um fator importante que aqui deve ser enaltecido é que o corpo passa por um processo de aprendizagem construtor dos hábitos. Porém esta relação com o próprio corpo enquanto dimensão do hábito se dá de maneira diferenciada de indivíduo para indivíduo, bem como, entre as classes sociais. Sob esta óptica Medina (1990, p.33) alerta de que “é preciso entender que, apesar do forte peso da ideologia dominante, o corpo marginalizado do pobre não tem os mesmos desejos e interesses que tem o corpo burguês.”

Com certeza, o miserável está mais preocupado em arranjar alguma coisa para comer e passar o dia do que em fazer uma cirurgia plástica para concertar o nariz torto. Assim como a mulher burguesa – de barriga cheia – está mais concentrada em arrumar o cabelo para desfilar no jantar de negócios do marido, do que em arrumar um cobertor para não passar frio.

Neste sentido, reportamos novamente a Medina (1990) quando cita que o corpo do brasileiro é um corpo violado pelas condições histórico-culturais e concretas da qual vive. Nossa sociedade, segundo o autor, não conseguiu construir as bases que garantam que todos brasileiros possam alcançar um estado de saúde mais amplo, que seria justamente um estado de profundo e dinâmico bem-estar físico, mental e social. Ao contrário, se estabelece um padrão neurótico de normalidade comportamental que provoca toda sorte de pressões e repressões que vão caracterizar as diversas camadas sociais.

O corpo da prostituta, do alcoólatra, do rapaz que dorme na calçada gelada, das adolescentes que são comercializadas pelos pais. Muitos desses corpos são desconfigurados pelas condições sociais, que geram a doença e a miséria – em todas as suas dimensões.

Num país onde se produz uma quantidade de alimentos capaz de alimentar 20% a mais de pessoas do total da população, é estranho que ainda exista uma enorme quantidade de seres humanos passando fome. O alimento, bem como o abrigo e o afeto, são condições primárias à sobrevivência de qualquer homem, de qualquer corpo. Num país que se diz tão rico é realmente vergonhoso conviver com tais situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do positivismo as concepções de mundo, de realidade e de ser humano assumiram outras dimensões interferindo no agir e no pensar do homem sobre os mesmos. O conhecimento e o método científico foram bases fortes do positivismo e

fizeram nascer o capitalismo. A lógica liberal criou toda uma estrutura social onde desenvolveu seus valores de lucro e de mercado. O corpo se enquadrou nesta lógica e estrutura.

O que visualizamos a partir desse texto é um corpo delineado de acordo com os interesses do modelo corporal instituído pela sociedade capitalista. Os indivíduos buscam a todo custo satisfazer as necessidades impostas. A partir disso utilizam as mais diversas tecnologias, substâncias, produtos que possibilitam buscar tal feito. Isso faz-nos perceber que não se busca o bem estar pessoal e sim estar bem na exposição das “vitrines” do dia-a-dia, um corpo “perfeito”.

A sociedade na qual vivemos – atravessada por valores capitalistas – não pode mais continuar pautando o corpo na alienação que desconsidera o ser humano enquanto verbo. Precisamos desenvolver uma cultura onde se tenha a consciência de que o vir a ser do mundo depende de cada ato nosso. Delicadeza, cuidado, sensibilidade e respeito são referências para fundamentar nosso comportamento frente as nossas relações com o mundo e com o outro. Todos eles precisam nos servir de base a fim de gerar vida e engajamento ético e crítico na luta por um corpo ameaçada pela brutalidade dos valores de mercado: produto X consumo.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. et al. **Para compreender a ciência**. 9. ed. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 2000.

BETTO, F. Políticas do corpo. **Revista Motrivivência**. Florianópolis, n. 15, p. 25-35, ago. 2000.

BRAUNSTEIN, F; PÉPIN, J-F. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Coleção: Epistemologia e sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CODO, W.; SENNE, A. W. **O que é corpo (latria)**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

COELHO, R. F. J.; SEVERINO, M. F. V. Histórias dos usos, desusos e usura dos corpos no capitalismo. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v.19, n.1, p. 83-100, Jan./Jun. 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FREITAS, G. G. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Ijuí, RS: Unijuí, 1999.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

LE BRETON D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

MEDINA, J. P. S. Inquietações burguesas do corpo. **Revista Motrivivência**. Florianópolis, n.3, p. 34-35, janeiro, 1990.

MORATO. E. M; COUDRY, M. I. H. Processos enunciativo-discursivos e patologia da linguagem: algumas questões lingüísticos-cognitivas. **Cadernos Cedes**, ano XX, n24, julho, 2000.

PERES, L. S. Corporeidade e sua relação com a Educação Física: um breve resgate histórico para entendimento. **Caderno de Educação Física**. Marechal Cândido Rondon, v. 8, n. 15, p. 53-61, 2009.

SANTOS F. J. A. dos. Considerações sobre a “corpolatria”. **Revista Motrivivência**. Florianópolis, n.3, p. 53-54, janeiro, 1990.

SÉRGIO, M. Motricidade humana, um paradigma emergente. **Revista de Divulgação Cultural**. Blumenau- SC, n. 59, p. 61-81, maio/ago. 1996.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados: Florianópolis: UFSC, 2001.

TAFFAREL, C. N. Z. e ESCOBAR, M. O. **Educação Física e movimentos de luta sociais**. Salvador, 2009. Disponível em: <www.faced.ufba.br/rascunhodigital>. Acesso em: 16 jun. 2010.

TRASFERETTI, J. Corpo e Cultura; No contexto da sociedade brasileira. **Cultura e Sociedade**. Comunicação & Informação v. 11, n. 1: p. 126-137, jan./jun. 2008.

Contato

Renato Izidoro da Silva

Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Email: reizidoro@gmail.com

Camila da Cunha Nunes

Acadêmica do curso de Educação Física da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

Email: camilinhahand@gmail.com

Fabio Zoboli

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Endereço: Jordão de Oliveira, nº 96, Casa 2, Atalaia, Aracajú - Sergipe. CEP: 49037-330.

Email: zobolito@terra.com.br. Recurso para apresentação: Data Show.